

Psicologia e Processos Educativos: aprendendo a ser psicólogo
educacional em uma escola pública de ensino fundamental I

Estagiárias: Ana Flávia Govea de Souza
Marla Fernanda Bastos Lima
Supervisora: Prof^a Ana Paula Araújo Fonseca

1. Introdução

A Análise do Comportamento postula que a educação tem papel fundamental na constituição ou manutenção de padrões comportamentais que podem beneficiar a Cultura, ou seja, que são vantajosos para a sua sobrevivência (Skinner, 1972). A educação é vista como uma instituição social com a função de oferecer aos alunos os conhecimentos socialmente acumulados, bem como capacitá-lo a agir com sucesso em relação ao mundo (ZANOTTO, 2004). À educação caberia romper com práticas coercitivas, as quais são prejudiciais à cultura. Porém, a escola tem mantido práticas de punições mais sutis com seus alunos, não se permite o uso das palmatórias, mas gritos e ameaças verbais permanecem no cotidiano escolar, sofrendo, dessa maneira, as consequências do contracontrole e esquivas dos alunos (SIDMAN, 2010).

Uma das críticas de Skinner (1972) é de que as mudanças em educação não prevêm alterações nos métodos de ensino. Para o autor, métodos de ensino deveriam ser cientificamente averiguados, tendo em vista os efeitos que produzem na aprendizagem dos alunos:

“A educação é, talvez, o mais importante ramo da tecnologia científica. Afeta profundamente a vida de todos nós. Já não é possível permitir que exigências de uma situação prática suprimam os enormes progressos que estão ao nosso alcance. A situação prática tem que ser mudada” (p. 18).

Outra crítica de Skinner refere-se à sala de aula oferecer baixa frequência de reforço, pois há muitos alunos para um professor. Além disso, na maioria das vezes, os alunos realizam as atividades escolares para se esquivarem de situações aversivas, como: notas baixas, comparações entre os alunos, castigos dos pais ou do professor, etc. Os alunos dificilmente entram em contato com reforços automaticamente produzidos pelas consequências naturais daquilo que estão aprendendo (SKINNER, 1972).

O que caracteriza o ensino é o efeito produzido por aquilo que o professor faz, ou seja, o efeito deve ser a aprendizagem do aluno (KUBO; BOTOMÉ, 2001). Nesse sentido, “ensinar é o nome da relação entre o que um professor faz e a aprendizagem de um aluno.” (KUBO; BOTOMÉ, 2001, p. 5).

Para Zanotto (2000):

Um ensino assistemático e não planejado impede a identificação de suas próprias falhas, impossibilita a crítica e a revisão do que é feito sob o nome de ensino e gera perigosos subprodutos, como a atribuição da culpa ao aluno e falta de responsabilidade daquele que ensina em relação ao processo e ao produto de seu trabalho (p.43).

Como proposta de ensino, Skinner (1972) defende uma educação baseada em princípios, tais como: a) Todo organismo vivo é passível de aprender; b) É preciso que o ensino seja planejado de acordo com o ritmo de cada aluno; c) Há que se pensar em estratégias pautadas no reforçamento positivo; d) O ensino deve ser gradual e priorizar os acertos; entre outros.

O que se tem observado é uma insuficiência nas práticas dos professores, que não chegam de fato a ensinar. De acordo com Pereira, Marinotti e Luna (2004) há diversos fatores que controlam o comportamento do professor. O que deveria de fato conduzir sua prática docente seria o próprio aluno, conseqüentemente, trazendo melhores resultados no processo ensino-aprendizagem. Porém, instâncias superiores, exigências burocráticas, crenças sobre as famílias dos alunos e até mesmo os outros professores, são os eventos que exercem o controle nos comportamentos dos professores; entre outros. No entanto, [...] “quem ensina deve ficar sob controle do que quer ensinar, de quem está sendo ensinado e das condições disponíveis para a situação de ensino” (ZANOTTO, 2000, p. 42).

Zanotto (2000) defende que o professor deveria superar práticas mecanizadas e realizar um trabalho autônomo. Para isso a autora ressalta a relevância de uma formação que possibilite ao professor conhecimentos de princípios do comportamento humano e dos processos de ensino – aprendizagem, bem como repertório para planejar, executar e avaliar o plano de ensino. O professor tem um papel fundamental na educação, pois a ele caberia planejar as condições de ensino, ou seja, as contingências. O ensino, por sua vez, teria necessariamente como consequência o aprendizado do aluno.

1.1. O papel do psicólogo escolar e educacional

O profissional de psicologia necessita compreender a educação, e o ambiente escolar em si, de maneira contextualizada, ou seja, quais políticas públicas perpassam e legitimam as práticas escolares, entendendo os pressupostos e interesses defendidos por essas políticas e como eles têm se refletido na escola (CREPOP, 2012).

A psicologia passa a repensar seu papel na educação a partir do movimento de crítica na década de 1980, que passa então a olhar para o aluno de maneira a contextualizar as queixas

escolares. A psicologia repensa a prática clínica e diagnóstica, passando a levar em consideração as condições de ensino, a postura da escola frente aos alunos e suas famílias de classe trabalhadora, bem como qual a função da educação, como e para quem está sendo pensada e executada. (CREPOP, 2012; PATTO, 1992).

O movimento de expansão da escola é algo recente na história, assim, a classe trabalhadora começa a ter acesso a ela. No entanto, a escola continua a ser pensada e planejada para uma determinada classe (CREPOP, 2012).

A psicologia contribuiu para a construção de uma lógica que compreende as dificuldades dos alunos como algo biológico, ou que seria explicada devido a pobreza, desnutrição, “deseestrutura familiar”, etc. Os professores geralmente, pouco ou nada, compreendem-se como pertencentes a relação de ensino-aprendizagem, deixando de avaliar os resultados das próprias práticas, culpabilizando o aluno, a família, ou qualquer instância externa a si ou ao contexto escolar (PATTO, 1992; CREPOP, 2012).

Muitos professores se queixam, além da aprendizagem dos alunos, das questões de disciplina e respeito, falando sempre com saudosismo do passado quando as crianças eram mais submissas às figuras de autoridade (CREPOP, 2012). Hoje, os alunos dificilmente aquietam-se ou amedrontam-se com as tentativas de coerção da escola, que passa então a se utilizar da medicalização para tentar controlar os alunos. Processo esse que tem transformado demandas pedagógicas e a falta da criação de ensino adequado para os alunos, em um problema de ordem médica que pode supostamente ser resolvido com medicamentos, (CREPOP, 2012).

A escola vai “terceirizando” a resolução dos problemas às esferas médicas e judiciais, descaracterizando-se e perdendo sua função social e política, e sem se dar conta de que a própria instituição e as posturas de quem a compõe são, muitas vezes, tão violentas contra os alunos e suas famílias quanto a escola os julga ser com seus agentes.

O psicólogo precisa compreender-se no contexto escolar como um agente de transformação de práticas e concepções, não no sentido de propor soluções infalíveis e perfeitas para tudo, mas de ajudar a escola a problematizar seus conflitos, dificuldades, valores, função, regras e princípios, que estejam em sua organização e práticas de maneira explícita ou não (CREPOP, 2012). Ao exercer esse papel de maneira conjunta a todos os envolvidos no ambiente escolar, o psicólogo favorecerá a construção de práticas que contribuam efetivamente para aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

2. Descrição do Trabalho

Este estágio foi realizado com uma carga horária de 30 horas semanais, sendo 20 horas de atividades na escola e 10 horas para estudo e supervisão na instituição formadora. Sendo assim, foi possível realizar algumas intervenções descritas abaixo:

a) Apresentação da proposta de estágio em forma de slides, contendo os objetivos principais e o papel do psicólogo educacional, esclarecendo principalmente, que não ocorreria uma prática clínica, de atendimento individualizado aos alunos, mas que todos os agentes envolvidos na educação das crianças (professores, direção, funcionários e famílias) estariam inseridos no trabalho. Este momento ocorreu em HTPC, com a presença da diretora e dos professores, foi importante para o esclarecimento das possibilidades de trabalho do estagiário de psicologia inserido no contexto escolar.

b) Apresentação, discussão e realização dos projetos: “Práticas Educativas: amor e limites” e “Orientação sexual na escola”. Os professores puderam conhecer um pouco mais das possibilidades do estágio, além disso, dar sugestões e também fazer parte da construção desses trabalhos. A opinião de cada professor foi ouvida e valorizada, fortalecendo o vínculo e confiança entre corpo docente e estagiárias.

O primeiro projeto teve como objetivo orientar as famílias sobre as conseqüências de cada modelo educativo para o desenvolvimento da criança, apresentando formas alternativas ao controle coercitivo. Através de uma reunião na escola foi apresentado às famílias a proposta do projeto, ao final os pais preencheram uma ficha indicando o melhor dia e horário da semana. No primeiro semestre foram realizados cinco encontros semanais, com duração de uma hora e trinta minutos, com quatro participantes; no segundo semestre foram realizados 3 encontros no período noturno, com três participantes. Os temas abordados foram: amor e limites; como estabelecer regras e conseqüências da punição. Nos dois grupos foi possível identificar a reprodução de modelos coercitivos de educação, com dificuldades de expressar carinho, amor, de conversar adequadamente com as crianças. No entanto, no grupo noturno duas participantes demonstraram práticas adequadas em relação aos filhos, tais como: evitar bater, conversar e expressar afeto. Essas mães representaram importantes modelos para a terceira participante que utilizava muitas práticas coercitivas. Verificou-se a incompreensão dos papéis da família e da escola na educação das crianças, os pais demonstraram sentirem-se culpados por não conseguir ensinar algumas tarefas ou disciplinas para os filhos. Diante disso, no decorrer dos encontros essas questões foram discutidas delimitando-se o papel de cada um (família e escola). Ao final dos encontros, uma mãe relatou que se sentia mais calma em relação às filhas e tinha mais paciência, tentando resolver os conflitos através de conversas,

demonstrou estar mais próxima das filhas, realizando mais atividades junto a elas. Uma segunda mãe relatou que estava tentando se manter mais calma no momento de realizar a tarefa junto ao filho, quando identificava que estava ficando estressada saía de perto da criança para evitar brigas. Esse grupo foi importante para orientar as famílias, além disso, acolher seus sentimentos, dúvidas, ouvir e compreender suas histórias. O grupo também representou uma abertura da escola para as famílias.

O segundo projeto teve como objetivo trazer discussões para os profissionais da escola, os alunos e as famílias, abrangendo os seguintes temas: orientação sexual infantil e construção da identidade e dos papéis de gênero. Algumas ações realizadas foram: a) HTPC sobre a construção da identidade de gênero; b) Dinâmica nas salas de aula para discussão dos papéis de gênero nas brincadeiras; c) Palestra com as famílias para orientações das manifestações da sexualidade infantil; d) Encontros com os alunos de 5º ano: foram realizados quatro encontros semanais com as três salas de 5º anos, os temas dos encontros foram: 1- O que é sexualidade? Como os bebês nascem? Foi explicado sobre os órgãos reprodutores femininos e masculinos, sobre a gravidez e o nascimento do bebê humano. Levamos três vídeos para as crianças – um parto humano, o de uma cachorra e o nascimento de um pato – Discutimos sobre a diferença dos cuidados com um bebê humano e os demais animais, neste primeiro encontro foi deixado em cada sala uma “caixinha dos segredos”, onde as crianças poderiam colocar comentários ou fazer perguntas. Combinou-se de recolher a caixinha semanalmente e responder as dúvidas e comentários nos encontros que se seguiram; 2- Desenvolvimento do corpo; foi discutido com o grupo as mudanças que ocorrem no corpo, procurou-se demonstrar através de fotos de pessoas comuns que pelos fazem parte do nosso corpo e que é algo natural; foi mostrado um absorvente, deixando que todos pegassem. Também foi mostrada a camisinha feminina e masculina, todos eles pegaram as camisinhas na mão. Foi explicado a eles a função e importância do preservativo e que criança não precisava usar porque não fazia sexo; 3- Diversidade nas relações: a partir de questões levantadas pelas próprias crianças, foram levados slides com fotos de casais homossexuais masculinos e femininos, transgêneros masculinos e femininos, travestis, bissexuais, heterossexuais. A partir disso foi discutido com as crianças sobre suas concepções, sensibilizando-as a compreender que independente de qualquer coisa, todas as pessoas são seres humanos, sentem dor, sentem medo, tristeza, amor, e por isso tem o direito de serem respeitadas; 4- Amizade: foi exibido um episódio do desenho “Chaves” e investigou-se com as crianças quais suas concepções sobre amizade, como podem expressá-la e como a expressam de fato. Nesse contato com as crianças foi possível perceber que elas tem acesso a conteúdos inapropriado para sua idade, e

nenhuma informação ou orientação sobre como devem lidar com tudo isso. A partir dessa observação inicial a respeito do que as crianças já sabiam ou haviam ouvido falar que os temas, materiais e discussões foram pensados e montados.

Como resultado observou-se a compreensão dos agentes escolares sobre a relevância do tema; sinalização de dúvidas e dificuldades relacionadas ao assunto; reflexão sobre o papel da escola na construção de papéis de gênero; questionamento sobre valores e preconceitos que influenciam a prática docente; envolvimento dos professores nas atividades junto aos alunos; pensamento crítico das crianças em relação às segregações de gênero; exposição a diversos modos de brincar. No contato com as famílias e os agentes escolares puderam-se realizar orientações e esclarecimentos de aspectos relacionados ao desenvolvimento sexual infantil, sanando-se angústias e oferecendo modelos mais saudáveis de educação e modos de orientar as crianças.

Os encontros para discussão da sexualidade permitiram que as crianças tirassem muitas dúvidas e pudessem ser sensibilizadas para o respeito às diferenças, bem como possibilitou que estas relatassem questões que podem trazer-lhes riscos e assim foi possível orientá-las, a exemplo de um aluno que relatou que seu primo de 12 anos tem um “namorado” pela internet, outro aluno relatou que pegava camisinhas usadas na rua para encher e brincar; uma menina disse que havia um rapaz de 18 anos que a paquerava, etc.

Foi possível identificar também que as crianças que tem um maior contato com relações de diversidade sexual lidam de maneira natural com estas questões, a exemplo de dois meninos da mesma sala, um que relatou ter um tio travesti e o adorava, assim disse não ter problemas quanto a estas questões; outro que na mesma discussão disse que não aceitava pois “Deus” fez Adão e Eva. A partir dos relatos, perguntas e comentários das crianças era possível desconstruir mitos, sensibilizar para a obrigatoriedade do respeito a qualquer pessoa.

Portanto, a atuação do psicólogo educacional deve pautar-se em objetivos de combate aos tabus e mitos acerca da sexualidade humana, resgatando o papel da escola para contribuir na emancipação de homens e mulheres, buscando romper padrões de segregação e preconceitos de gênero, priorizando a construção de práticas onde ambos os sexos sejam compreendidos como pares e não como forma de dominação de um sobre o outro, bem como as manifestações sexuais variadas sejam vistas como parte do desenvolvimento do homem.

c) Planejamento conjunto com a diretora: eram realizadas reuniões semanais com a diretora da escola, de modo a refletir a respeito das práticas escolares cristalizadas e buscar alternativas a elas. Uma das discussões com a diretora foi sobre a importância do brincar para

o desenvolvimento das crianças. Como resultado foram comprados mais brinquedos, solicitou-se que os professores organizassem um tempo da rotina da semana para realizar brincadeiras em sala de aula. As estagiárias organizaram caixas com kits de brinquedos e colocaram-se a disposição para o planejamento e execução de brincadeiras.

Outra reflexão realizada com a diretora foi sobre a relação da escola com a família e orientações para o planejamento e execução da reunião de pais. Uma prática da escola era o oferecimento de brindes para que as famílias comparecessem às reuniões. Porém, foi discutido com a diretora, que existiam outras maneiras de fortalecer o vínculo da família com a escola e garantir sua participação, para isso, seria necessário a mudança de postura da própria instituição. Observou-se que na realização da reunião, a diretora seguiu as orientações, mudou a disposição dos bancos, recebeu as famílias com sorrisos e falas mais acolhedoras, passou os recados cuidadosamente, permitindo que os pais tirassem suas dúvidas, compareceu um número significativo de pais, não houve o sorteio de brindes. Ao final da reunião, as estagiárias passaram para a diretora um feedback positivo sobre sua postura e apontaram quais os resultados obtidos.

Outra temática debatida foi a respeito da motivação do aluno. A diretora solicitou ajuda das estagiárias de psicologia para a realização de um HTPC com vários professores da rede municipal de educação, não apenas os da escola em que o estágio era realizado. Foi escolhida a música “Estudo errado” – Gabriel O Pensador – e a partir dessa idéia foi apresentado a ela o tema motivação do aluno, sendo abordado que a motivação necessita de condições específicas para ocorrer, como: planejamento do ensino, relação professor-aluno, a rotina da escola, etc. Utilizou-se como referência central para o planejamento desta discussão o Capítulo VII – Motivação do Estudante, do livro Tecnologia do Ensino (Skinner, 1972). Após a realização do HTPC, a diretora relatou emocionada sobre a participação efetiva de todos os professores.

A diretora procurou as estagiárias para relatar sua preocupação em relação a alguns comportamentos da coordenadora pedagógica, como o tom de voz e brincadeiras excessivas e descontextualizadas nos momentos de HTPC. As orientações foram para que ela descrevesse as consequências desses comportamentos para a coordenadora, por exemplo, ter dificuldades para construir a confiança do grupo; manter a discussão envolta dos temas propostos e, sempre que houvesse avanços, elogiá-la.

d) Planejamento conjunto com a coordenadora: 1) Discussão sobre violência na escola. Buscou-se analisar que a violência também se desenvolve dentro da escola através de práticas como o silenciamento dos alunos; descrédito aos relatos das crianças, sobre qualquer assunto;

gritos; ameaças etc. A coordenadora afirmou: “É, nós também somos violentos com eles”. Houve o reconhecimento de práticas inadequadas em relação aos alunos e que contribuem como modelo de agressividade para a escola. 2) Posturas em HTPC: Foi discutido sobre o modo de descrever os recados, pois falava-se muito rápido e as informações ficavam mal compreendidas no grupo de professores; sobre a necessidade de atentar-se para um tom de voz mais ameno. Também foi falado sobre incoerências que ocorriam nas reuniões, pois apesar de ser planejado o tema com as estagiárias, durante a reunião a coordenadora contrariava as falas das estagiárias, apresentando exemplos e orientações desfavoráveis ao objetivo pretendido. Observou-se que a coordenadora ficou sensibilizada com os feedbacks e os recebeu abertamente. Posteriormente, ela passou a direcionar os recados com mais cuidado e o tom de voz melhorou, portanto, procurou-se valorizar tais mudanças, no que dizia respeito à sua postura com as crianças, ela seguia demonstrando dificuldade em lidar de maneira menos coercitiva, o que gerava constantes conversas com as estagiárias para o resgate das posturas mais adequadas apontadas na primeira conversa.

e) HTPC “Pensando sobre agressividade”: Foi discutido como a violência é um processo histórico, perpassando a história do Brasil da escravidão e evangelização da cultura indígena; a ditadura e as misérias variadas de uma população. Também foi discutido sobre a formação humana e o papel do educador sobre ela, mediando as relações e ensinando comportamentos incompatíveis com a agressividade. Discutiu-se sobre a importância de ensinar autocontrole para as crianças, trazendo para o grupo algumas orientações. As professoras tiveram dificuldades em relacionar os processos históricos e a própria relação de agressividade que a escola tem construído com seus alunos, os discursos se resumiram à culpabilização das famílias como sendo os únicos modelos de agressividade, bem como demonstraram dificuldades em compreender formas variadas de agressividade, resumindo o bater e o direcionar palavrões aos alunos como exemplos deste tipo de comportamento.

f) Orientações individuais com pais: acolhimento de dúvidas relacionadas à educação das crianças, apresentação de alternativas mais saudáveis ao desenvolvimento das crianças. Geralmente os pais procuravam as estagiárias nos horários próximos à entrada ou saída dos alunos ou então ligavam, solicitando que retornássemos para agendar um horário.

g) Orientações individuais com as crianças: ouvir e acolher as dúvidas e sentimentos, conversas sobre resolução de conflitos. Ocorreram principalmente no final do recreio ou quando professor e ou diretora solicitavam que as estagiárias conversassem com algum aluno específico.

h) Grupo de habilidades sociais: O grupo teve como participantes crianças dos 5º anos, que foram convidadas a participar de um total de cinco encontros, que ocorrem semanalmente. Abaixo serão descritos cada encontro:

1º Encontro: Pretendeu-se esclarecer os objetivos do grupo para as crianças, discutir a importância de seguir regras, formular as regras junto ao grupo. O encontro foi iniciado questionando o que as crianças esperavam desse grupo, a maioria delas respondeu que não sabia ou achavam que aprenderiam a cantar e dançar. Foi explicado que o grupo seria para conhecer vários tipos de música, para entender as letras, que haveria brincadeiras e elas também poderiam falar sobre suas vidas, sobre o que gostam etc.

Foi utilizada a técnica de economia de fichas, onde três cartões foram apresentados às crianças. O verde representando tudo o que eles seguirem dos combinados; o vermelho indicava que uma regra foi descumprida e o amarelo era a chance de não receber vermelho. Foi explicado que era um jogo e se no final dos encontros tivessem mais pontos verdes do que vermelhos uma festa poderia ser organizada como despedida. Também foi combinado um sinal que indicava que eles deveriam fazer silêncio naquele momento (dizer atenção e bater uma palma). Realizou-se um ensaio com as crianças, solicitando a elas que conversassem juntas, depois o sinal foi feito e elas ficaram em absoluto silêncio.

Após os combinados prévios, foi distribuída a letra da música "Pequeno Cidadão", e a música foi colocada para tocar e cantar junto das crianças.

2º Encontro: Este encontro teve como objetivo analisar a música trazida por dois participantes do grupo, bem como analisar junto às crianças a música escolhida pelas estagiárias de psicologia (Imagine – John Lennon).

As músicas escolhidas pelas crianças eram em ritmo de funk e continham letras depreciativas em relação às mulheres, falavam sobre ganhar dinheiro e como esse fator estaria relacionado a obter então as demais coisas da vida. Analisou-se com elas se este tipo de música era ouvida por conta da batida ou da letra em si. Foi possível notar que a maioria das crianças não compreende o que ouve e canta, apenas gostam dos ritmos. Ao serem solicitadas a dizer sobre o que gostariam de ouvir na letra de uma música, a maioria não soube dizer.

Quanto à música Imagine, esta possibilitou que fosse discutido com as crianças o que elas desejavam para o mundo, para o seu bairro e para a escola, e assim pensar junto a elas em ações que poderiam efetivar esses desejos de mudança.

Ao final as crianças produziram uma prancheta, com papelão e prendedor, que elas utilizaram para serem monitores no recreio. Algumas crianças foram sorteadas de cada grupo ao final do encontro, para que elas ficassem responsáveis na semana por ajudar a mediar

conflitos com os parceiros de grupo, bem como anotassem pontos positivos e pontos negativos para seus comportamentos, que foram discutidos nos encontros seguintes, possibilitando que as atitudes positivas das crianças fossem elogiadas, bem como valorizando o reconhecimento dos colegas destas atitudes, e discutindo novas formas de ação diante dos pontos negativos. Todos estes pontos foram somados para todo o grupo.

3º Encontro: Foi passado o filme “A Historia sem Fim” (1984), com o objetivo de discutir sobre as diferenças e a amizade. No entanto, as crianças demonstraram dificuldades para assistir ao filme, ficando dispersas. A partir disso, foi questionado com as crianças o que elas sugeririam fazer para substituir esta atividade e elas sugeriram que fosse realizada uma brincadeira que já havia ocorrido no projeto de sexualidade (jogo do carinho coletivo).

4º Encontro: Neste encontro foi seguida a sugestão das crianças para serem realizadas brincadeiras envolvendo músicas, tais como: dança da laranja e dança da cadeira. Após estas brincadeiras foi proposto brincar de um *stop* falado, onde uma criança escolhia uma letra do alfabeto, e outra uma das categorias formadas pelas estagiárias (fruta, país, cidade, objeto, animal, nome de pessoa), para que o grupo falasse palavras com aquela letra. As crianças não sabiam a diferença entre continente, país, estado, cidade e bairro e a brincadeira também serviu como estratégia pedagógica para ensino de conteúdos escolares.

5º Encontro: No grupo com as crianças foi realizada uma atividade em que elas foram divididas em trios e discutiu-se sobre o que elas mais gostavam na escola e o que não gostavam. Percebeu-se que algumas crianças se recusaram insistentemente em escrever, diziam que a letra era feia. Depois relataram que não gostavam de ser colocadas de castigo para escrever, que a coordenadora sempre fazia isso com elas. Falaram sobre alguns professores, relataram sobre o professor de Educação Física, disseram: “Tia, ele quer que a sala fica quieta, que ninguém fala nada, mas a gente não consegue ficar quieto, enquanto a sala não fica em silêncio, ele não leva a gente pra Educação Física”. Relataram que o outro professor de educação física era muito legal porque brincava junto com eles e levava brincadeiras novas. As crianças foram orientadas pelas estagiárias para que não citassem nomes no papel, mas descrevessem as atitudes que eles gostavam ou não. Também comentaram sobre a comida da escola que é muito ruim, sem tempero, reclamaram da água do bebedouro que não saía gelada e das cortinas que estavam todas rasgadas e não dava para assistir filme na sala de aula. Foi interessante observar a visão que as crianças têm da escola. Comentaram sobre a reforma que nunca acaba e faz muito barulho. Disseram gostar muito da informática porque podem pesquisar coisas que não sabem; que gostam quando o professor ensina coisas novas.

6º Encontro: Este encontro teve como objetivo a realização de uma despedida do grupo e uma confraternização entre as estagiárias de psicologia e as crianças. Várias crianças levaram algo pra contribuir com a festa (refrigerantes, salgadinhos, bolo etc). Foi explicado a elas que aquele seria o último encontro do grupo e que na semana seguinte as estagiárias encerrariam suas atividades na escola.

As crianças estabeleceram um vínculo afetivo com as estagiárias e durante a despedidas elas elogiaram o grupo e o modo como as estagiárias agiam com elas. Fizeram pedidos para estas fossem para suas respectivas escolas no próximo ano. Foi explicado a elas que isso não era possível, mas que agora elas haviam aprendido novas coisas que poderiam ensinar a outros colegas.

Recreio Dirigido: Esta proposta de trabalho teve como objetivo diminuir as brigas no intervalo através da organizações de espaços de brincadeira monitorados por adultos, potencializando orientações adequadas aos conflitos, bem como a aprendizagem e o desenvolvimento global das crianças.

Foi solicitada a ajuda das faxineiras e da estagiária de informática para monitorar os espaços de brincadeira, que traziam possibilidades tais como: pular elástico; pular corda; pular na cama elástica; jogar jogos variados (xadrez; dama; dominó; jogo da memória).

Foi realizada uma reunião com as funcionárias que ajudariam as estagiárias no recreio, para discutir sobre a importância e relevância do brincar, bem como resgatar o papel de educar destas funcionárias.

Esta proposta foi necessária para organizar o espaço físico que era pequeno para que este atendesse de forma mais adequada a demanda de tantas crianças. Como resultados, o número de brigas ou qualquer tipo de conflito entre as crianças diminuiu drasticamente, havendo dias que passaram sem nenhum conflito. Também contribuiu para que, diante de qualquer conflito, as crianças fossem orientadas de maneira adequada a lidar com a situação, possibilitando que houvesse junto a elas o monitoramento e mediação de algum adulto.

3. Considerações Finais

De acordo com a literatura da Análise do Comportamento, para que haja ensino é necessário observar se a consequência foi a aprendizagem, somente assim poderá se admitir que algo foi de fato ensinado. A preocupação da Psicologia inserida no contexto escolar deve ser a de fortalecer as práticas escolares que potencializem a aprendizagem dos alunos.

Para Skinner (1972) o ensino deve evitar ressaltar os erros, mas ser organizado gradualmente, garantindo que o aluno acerte e obtenha as conseqüências naturais do conhecimento.

Para a LDB/9394 o Ensino Fundamental deveria propiciar ao aluno o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. No entanto, os professores relatam que os alunos estão saindo do 5º ano sem estas habilidades desenvolvidas. A partir disso, a equipe escolar necessitaria planejar estratégias que possam mudar esse quadro, para tanto, o professor precisa compreender que seu papel é a priori garantir aprendizagem aos seus alunos. Neste sentido, Pereira, Marinotti e Luna (2004) analisam que o professor ao ser submetido a diversas exigências burocráticas, pela formação inconsistente que possui e pelo cotidiano alienante do trabalho, se distancia da finalidade maior da educação, que é a aprendizagem do aluno e não se sente responsável por ela.

Quando alguma família procurava a escola para reclamar sobre a aprendizagem da criança, os professores ironizavam, dizendo: “Então ela ta querendo dizer que eu não ensinei? Ensinar eu ensinei, ele que não aprendeu!”. Dessa maneira, pode-se observar que o professor não sente a responsabilidade pela aprendizagem de seus alunos.

Uma das funções do professor, apontadas pela LDB/9394, é colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. Na escola havia ações isoladas de alguns professores que buscavam solicitar a presença dos pais de maneira diferenciada. Portanto, o trabalho desenvolvido pelas estagiárias juntos às famílias teve como objetivo ressaltar ao corpo docente que há possibilidades de aproximação da comunidade com a escola. As práticas de professores com esses objetivos e as tentativas da diretora em buscar estratégias de aproximação foram reforçadas positivamente pelas estagiárias. Por exemplo, a diretora passou a preocupar-se com o planejamento das reuniões e agradecer a presença dos pais. O trabalho desenvolvido e a postura das estagiárias em relação às famílias foram modelos para a escola.

O psicólogo inserido na instituição escolar deverá fortalecer e demonstrar posturas que resultam em uma relação de parceria entre a família e a escola. Sendo assim, os mitos e preconceitos a respeito da família pobre poderão ser gradualmente desconstruídos, traçando para a escola novos padrões comportamentais, mais humanos e com objetivos de uma sociedade menos desigual.

A escola preocupava-se com a agressividade das crianças, acreditando que elas aprendiam comportamentos agressivos com os familiares. No entanto, não se pensava o papel da escola na construção de tais repertórios. Sendo assim, considera-se que as discussões

realizadas com a direção da escola oportunizaram o reconhecimento de práticas inadequadas que favoreciam a violência no contexto escolar. O papel das estagiárias foi importante para auxiliar a direção em analisar as relações escolares e discriminar comportamentos inadequados. A proposta do recreio dirigido foi uma das intervenções que demonstrou à escola que se alterando variáveis ambientais, o comportamento das crianças se modifica e novas práticas podem ser valorizadas, sem que haja necessidade de estratégias coercitivas.

As propostas do estágio se desenvolveram mais efetivamente em decorrência da compreensão e abertura da gestão para as possibilidades do trabalho das estagiárias de psicologia.

4. Apresentação do local e condições nas quais a atividade de estágio aconteceu

A escola se localiza em um bairro periférico em um município do Noroeste Paulista. Atende crianças pertencentes a famílias de classe trabalhadora, com condições econômicas desfavoráveis. A escola era de Ensino Fundamental I e atendia cerca de 330 crianças com idades entre 5 e 10 anos, contava com um corpo docente composto por 17 professores, sendo 2 do Projeto de Tempo Integral. No projeto as crianças desenvolviam atividades tais como: horário do sono (logo após o almoço, com duração de cerca de 1h30), jogos, artes, realização das tarefas da escola.

Durante o período da manhã funcionavam 7 salas de aulas e no período da tarde 6 salas de aula, o intervalo contava com o tempo de 15 minutos. A escola tinha uma infraestrutura pequena: 11 salas de aulas; 2 banheiros (1 para os meninos e 1 para as meninas); 1 sala de informática; sala dos professores; secretaria; sala da direção; sala da coordenação; 4 almoxarifados para guardar os materiais da escola; 1 banheiro para os professores; 1 cozinha improvisada com paredes construídas com material de pó de serra compensado e arames, um lugar pequeno e sem ventilação adequada; um pátio de concreto.

A escola contava com dois bedéis; 2 TVs; 2 DVD's; 3 aparelhos de telefone; cerca de 24 computadores (um para a direção, um para a coordenação, um para a secretaria e um para os professores, o restante para a sala de informática), 4 impressoras; 1 micro-ondas; 1 geladeira; cerca de 14 mesas grandes no refeitório e cerca de 28 bancos para as mesas de refeitório, brinquedos diversos (bonecas, carrinhos, motinhas, kits de cozinha, peças de montar, carrinho de bebe, etc), materiais como: folha sulfite; almanaque; papel seda; papel cartão; cartolina; EVA; cola quente; tesouras; lápis de cor; lápis de escrever; canetas para colorir;

apontadores; borrachas; cola branca; revistas diversas (Nova Escola, Caras, Contigo, Veja, Época, etc) e materiais de limpeza e higiene.

Na relação dos professores com os alunos percebeu-se algumas práticas adequadas de alguns professores, como procurar atividades que sejam mais atrativas aos alunos, tentativas de trabalhar regras e combinados na sala de aula. Por exemplo, uma professora desenvolveu um trabalho com laptops em que os alunos pesquisaram sobre reciclagem e depois criaram seus próprios brinquedos; os pais foram chamados para uma apresentação de tudo o que a professora trabalhou com sua turma, os próprios alunos puderam mostrar para sua família o que fizeram. Outro exemplo é o projeto de uma professora de 4º ano, ela desenvolveu um trabalho no laptop com diários, dessa maneira ela conhecia a história de vida dos seus alunos e também os auxiliava no processo de escrita.

Pode-se observar também o uso elevado de práticas autoritárias, em que os professores gritam, impõem regras, ameaçam, mandam para a diretoria, chamam os pais etc. Se o aluno não se interessa pelas atividades das aulas, em geral, o professor o deixava sem aula de informática, educação física ou artes. As dificuldades de aprendizagem são entendidas como um problema decorrente das crianças, as quais são vistas como problemáticas, carentes, sem estrutura familiar, carregam algo dentro de si que as impedem de aprender, nada teria relação com as práticas pedagógicas do professor, levando-se em conta tais perspectivas disseminadas no contexto escolar descrito. Observou-se que o corpo docente não planejava suas aulas de maneira que pudessem atingir aqueles que estão com dificuldades, a estratégia utilizada era encaminhar o aluno para atendimentos fora da escola.

Os professores e a direção da escola mantinham uma postura de preconceitos em relação às famílias, afirmando que ali não podem contar com os pais. Acreditam que as famílias só participam de reuniões interessados em ganhar brindes no final. Tanto as famílias quanto a escola não sabem ao certo como ambas as partes podem se unir para melhorar a aprendizagem da criança. Percebeu-se que a direção ou o professor chamavam um responsável para relatar que a criança estava com dificuldades para aprender ou “indisciplinada”, mas o assunto era levado ao âmbito familiar com a intenção de dizer às famílias que os “problemas” de ordem pedagógica das crianças eram de sua responsabilidade. A escola, ao culpabilizar a criança e a sua família, exigia que esta, por sua vez, “chamasse atenção” da criança lhe dando broncas, castigos ou mesmo surras. Em conversas particulares com as estagiárias, os pais relatavam que os professores ou a diretora os chamam como se eles não fizessem nada em casa com os filhos, falavam como se fossem negligentes com educação das crianças.

As reuniões de pais eram bimestrais, a diretora dava início com recados, chamando a atenção dos pais para as responsabilidades da família em educar e cuidar dos filhos, de forma incisiva, expressando pouca sensibilidade e/ou empatia na sua fala para com as famílias. Depois os pais dirigiam-se até a respectiva sala de aula do filho(a) e a professora apresentava o que foi trabalhado e os resultados dos alunos para cada pai.

Na ocorrência de algum problema na escola, os pais eram chamados para conversar. A diretora, na maioria das vezes, falava em tom de cobrança e não para estabelecer uma parceria junto aos pais. Também se verificou casos em que os pais eram chamados à escola por questões desnecessárias, que deveriam ser resolvidas ali mesmo, por exemplo, quando o aluno não queria realizar as atividades que o professor passava para a sala ou um desentendimento entre professor e aluno, etc.

No que diz respeito a criar condições para estimular o desenvolvimento global das crianças, (motor, social, linguagem, cognitivo, autocuidado, criatividade, criticidade, autonomia etc.), o contexto escolar pouco tem contribuído. As atividades em sala de aula solicitavam da criança, geralmente, somente que elas reproduzissem conteúdos para o treino motor, o intervalo não contava com atividades dirigidas, que poderiam ser pensadas para contribuir com os aspectos do desenvolvimento.

As crianças não eram solicitadas a falar, descrever, refletir, nem orientadas no que concerne às suas relações com os demais colegas (nos momentos de briga, ou quando a criança estava brincando sozinha, ou era excluída pelo grupo etc). Não existiam momentos de brincadeira dirigida na sala de aula para trabalhar o conteúdo pedagógico. O intervalo que contava com apenas 15 minutos era o tempo do dia em que as crianças podiam conversar, contar sobre si mesmas, rir com e para os colegas, ser autônomas etc. Na sala de aula os professores admitiam que realizavam poucas atividades de brincadeiras e conversas, ou atividades diversas. Em geral, para os professores, momentos como os citados acima são entendidos como perder tempo para trabalhar os conteúdos.

No que diz respeito aos pontos fortes, a direção era uma gestão aberta a opiniões e disposta a procurar ajuda e aceitar propostas de trabalho na escola. Como dificuldades, a diretora apresentava uma postura de defesa incondicional em relação aos professores, o que contribuiu para que muitas vezes as crianças que chegassem à direção por meio de queixa dos professores fossem injustiçadas, uma vez que não havia chance para que elas se explicassem o que ocorreu, dificultando a mudança de práticas e concepções dos professores em relação aos alunos e às famílias.

Em relação às famílias, a direção acreditava que estas não dedicavam a devida importância à educação das crianças e que os deixavam na escola apenas para que se alimentassem e não dessem trabalho em casa, bem como acreditava que as famílias deveriam ser mais rígidas. Por exemplo, uma aluna chorava muito porque não queria ficar no projeto do período integral, desejava ficar em sua casa. A avó reclamou que não tinha condições de cuidar desta neta e a diretora orientou que se fosse preciso bater não haveria problemas, pois a escola não comunicaria o Conselho Tutelar. Nas reuniões de HTPC, quando os professores iniciavam falas pejorativas sobre as famílias, tais como: “A mãe do “fulano” é uma preguiçosa”; “Aqui esses pais, a maioria é traficante”, “A mãe daquele menino é prostituta”, etc, a diretora compartilhava das falas e na maioria das vezes, todos riam das situações vivenciadas pelas famílias da comunidade.

A coordenação tinha como ponto forte a solicitação de parceria, estando sempre em contato com a direção e as estagiárias de psicologia no que concerne a opiniões e planejamentos de atividades e posturas no HTPC. Era aberta a orientações e sugestões. No que diz respeito aos pontos fracos, estavam ligados a sua postura em relação aos próprios alunos, acatando sempre as reclamações dos professores sem nunca ouvir as crianças, bem como resolvia os conflitos com castigos, gritos e ameaças. Em relação à condução dos HTPC's, ela demonstrava pouca habilidade em articular as atividades que propunha com o papel do professor, assim os momentos de reflexão e estudo eram quase sempre perdidos. Por exemplo, ao propor uma discussão os professores buscavam as causas dos problemas nas famílias, na secretaria de Educação Municipal ou no sistema educacional, mas não conseguiam perceber a influência que desempenhavam no desenvolvimento dos alunos, como e de quais formas seus comportamentos se refletiam na sala de aula e no contexto escolar de forma geral. A coordenadora apresentava dificuldades em resgatar as discussões para objetivo central que seria as situações relacionadas a estas posturas docentes, partindo disso concordava com qualquer apontamento dos professores, deixando os objetivos do encontro de lado, a fim de não contrariar o grupo.

A escola contava com vários professores, com práticas pedagógicas e modo de conduzir a sala de aula bastante variados. No entanto, todos compartilhavam de práticas coercitivas para resolver conflitos com as crianças em maior ou menor grau (chamar os pais, ameaçar usando a polícia ou o Conselho Tutelar, colocar as crianças de castigo em pé, gritar, ironizar, fazer retirada de atividades como aulas de informática, artes ou educação física). Todos compartilhavam, também, em maior ou menor grau, os mitos, preconceitos e desvalorização das famílias e dos alunos de classe trabalhadora. Comparando-os sempre com

alunos de escola particular, culpabilizando a família ou o próprio aluno pelo seu fracasso escolar, ridicularizando o comportamento das famílias (o modo como falavam, como agiam, como se vestiam ou o que consumiam entre bens e serviços) e as condições de vida sob as quais as crianças e a comunidade viviam.

A escola tinha apenas duas inspetoras. No entanto reproduziam com as crianças as mesmas práticas coercitivas dos professores, bem como não monitoravam adequadamente as crianças. Em primeiro lugar pela incompreensão de seu papel e, em segundo, pelas condições de trabalho, onde havia apenas 2 adultos para cerca de duzentas crianças no intervalo. A escola tinha uma secretária que cumpria com todos os deveres solicitados de sua profissão dentro das burocracias exigidas pela instituição e pela Secretaria de Educação, tratava a todos os funcionários, as famílias e aos alunos com respeito e educação.

As funcionárias da limpeza costumavam ajudar a mediar alguns conflitos entre os alunos durante o intervalo, eram são muito dedicadas em manter a limpeza da escola. Os banheiros e pátio estavam sempre em ordem. Elas demonstravam uma postura mais ética, evitando falar em tom pejorativo tanto dos alunos como de suas famílias, não se utilizavam, na maioria das vezes, de gritos e ameaças com os alunos, e atendiam aos seus pedidos (para pegar brinquedos ou determinados materiais), tratando-os com educação e calma.

Entre as principais queixas da escola estava o distanciamento das famílias; a falta de atenção e interesse dos alunos; as dificuldades de aprendizagem, principalmente ligadas a escrita e leitura; e a questão da violência, muitos casos de brigas e agressões durante o intervalo ou mesmo em sala de aula.

O estagiário inserido na escola traz a este contexto contradições de idéias e busca a sensibilização para mudanças de práticas cristalizadas. Esta experiência de estágio supervisionado tem contribuído para a formação crítica do psicólogo educacional, voltada para uma prática que visa intervir nos processos de culpabilização do aluno e das famílias pelo fracasso escolar, a medicalização, patologização e judicialização, resgatando o papel social e político da escola.

5 REFERÊNCIAS

CREPOP. Documento de referências técnicas para a atuação de psicólogas(os) em Políticas de Educação Básica. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 2012, pp. 41.

KUBO, O.; BOTOMÉ, S. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. *InterAção*, Curitiba, vol 5, p. 133-171. 2001

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394, Brasil, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acessado em: Maio de 2012.

PATTO, M.H.S. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia USP*, vol.3, n.1-2; São Paulo, 1992. Disponível em < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v3n1-2/a11v3n12.pdf>> acessado em 15/06/2012

PEREIRA, M. E. M.; MARINOTTI, M.; LUNA, S. V. O compromisso do professor com a aprendizagem do aluno: contribuições da Análise do Comportamento. In: HUBNER, M. M. C; MARINOTTI. *Análise do Comportamento para a Educação: Contribuições Recentes*. Esetec, Santo André, 2004.

SIDMAN, M. *Coerção e suas implicações*. 11 ed, Livro Pleno, 2011, pp. 301.

SKINNER, B.F. *Tecnologia do Ensino*. Heder, São Paulo, 1972, pp. 259.

ZANOTTO, M.L.B. *Formação de professores: a contribuição da análise do comportamento*. Educ, São Paulo, 2000, pp. 183.

6. Resumo

A educação é uma instituição social com a função de oferecer aos alunos os conhecimentos socialmente acumulados, capacitando-os a agir com sucesso em relação ao mundo (ZANOTTO, 2000). O psicólogo precisa compreender-se no contexto escolar como um agente de transformação de práticas e concepções, não no sentido de propor soluções infalíveis, mas de ajudar a escola a problematizar seus conflitos, dificuldades, valores, regras; princípios e práticas de maneira explícita ou não (CREPOP, 2012). Este estágio foi realizado com carga horária de 30 horas semanais, distribuídas em 20 horas em campo e 10 horas de estudo e supervisão, criando a possibilidade de um trabalho articulado em várias frentes - gestão, coordenação, docentes, funcionários, alunos e a comunidade em geral. As estagiárias de psicologia trabalharam em projetos diversos: sexualidade, orientação de pais, grupo de habilidades sociais com as crianças, recreio dirigido, discussões em HTPC, orientações à gestão e coordenação etc. As propostas do estágio se desenvolveram efetivamente devido a compreensão da gestão para as possibilidades do trabalho. Como resultado, observou-se algumas mudanças na prática docente, no modo como os alunos lidam com problemas e no modo como a escola olha e lida com a comunidade. No entanto, faz-se ainda necessário a continuidade do trabalho articulado às diversas frentes do contexto escolar, esta possibilidade de estágio contribuiu de maneira decisiva e direta para a formação ético-crítica das estagiárias de psicologia.

Palavras-chave: estágio escolar; psicologia educacional; formação do psicólogo escolar.

7. Memorial

A postura das estagiárias em relação aos professores, no sentido de conhecê-los, ouvir suas histórias pessoais, conversar de assuntos diversos e informais de maneira descontraída, contribuiu para a aproximação e construção de vínculos.

As estagiárias haviam iniciado suas experiências em escolas no ano anterior, mas em uma escola de Educação Infantil, num estágio inteiramente extra-curricular, coordenado pela mesma supervisora e com a mesma carga horária e organização pedagógica. As experiências vivenciadas na prática da psicologia escolar foram importantes para o fortalecimento do repertório necessário para o planejamento e execução das intervenções no ano seguinte.

As supervisões constituíram-se em um espaço para exposição das dúvidas, orientação, trocas de experiências no grupo e o acolhimento das angústias vivenciadas pelos estagiários. Através dos encontros de supervisão pôde-se rever e adequar posturas, perceber o que estava sendo feito de maneira adequada, dando seqüência nessas ações. Os momentos de estudo em supervisão foram relevantes para dar sustentação teórica às práticas realizadas em estágio, bem como para as análises realizadas das relações do contexto escolar.

O trabalho realizado propiciou um reconhecimento por parte da direção em relação a algumas práticas inadequadas e de suas consequências. No entanto, sugere-se que o trabalho continue tendo como objetivo ensinar outro repertório comportamental, de práticas incompatíveis à coerção e preconceitos. O projeto de recreio dirigido necessita se manter, resgatando junto às funcionárias o papel de educadoras que elas precisam ocupar. O HTPC com as professoras também é um espaço que deveria ser ocupado pelos estagiários de psicologia, pois existem diversas demandas na formação em serviço que o psicólogo educacional pode contribuir: discussão sobre regras; sobre ensino-aprendizagem; sobre sexualidade; medicalização; sobre as políticas educacionais, bem como sobre qualquer problema específico enfrentado pela escola.

O estagiário de psicologia escolar e educacional é um agente educacional com possibilidade de trabalho desconhecidas pela escola, que tem estado adaptada a serviços psicológicos fora do contexto escolar e de cunho clínico. Considerando este contexto, o primeiro ato trabalhoso e importante foi a desconstrução desta imagem clínica e desvinculada do ambiente escolar para que fosse esclarecido junto aos agentes escolares quais as possibilidades de atuação do psicólogo escolar, ressaltando a importância das parcerias dentro da escola. Os profissionais da escola necessitavam ter clareza sobre esta possibilidade de trabalho do psicólogo educacional, sendo de responsabilidade do estagiário de psicologia ajudar a construir esta nova forma de interpretar seu papel.

A escola era um lugar onde havia um corpo docente bastante unido, porém focados em perspectivas equivocadas sobre os alunos, as famílias e o próprio processo de ensino-aprendizagem, baseados em mitos, preconceitos de classe, de gênero, de raça, de religião etc. O que trazia como consequência posturas bastante cristalizadas, coercitivas e equivocadas no modo de pensar o processo pedagógico, potencializar demais habilidades e desenvolvimento das crianças, bem como no modo de lidar com conflitos e problemas.

A desconstrução permanente desses mitos e preconceitos e a problematização das ações é trabalho constante e que necessita contar com a paciência e a habilidade dos estagiários. Esta foi uma grande e árdua necessidade, e uma possibilidade concreta no

trabalho das estagiárias de psicologia, que estavam diariamente no contexto escolar vivenciando toda a sua dinâmica.

Conquistar um espaço como parte da escola e parte do trabalho educacional estava relacionado não somente com a apropriação das estagiárias de seu papel e posicionamento para com a escola, mas dependeu também de que estas fossem aceitas pelo grupo de professores, que a priori mantiveram-se fechados. Porém como a construção de vínculos e de confiança depende do modo como as pessoas se comportam, ter habilidade de conversar, de compreender a história da construção dos comportamentos de inflexibilidade e rigidez, bem como desenvolver habilidades de ser atencioso e de valorizar todo e qualquer comportamento adequado, foi de extrema importância para a adesão dos trabalhos desenvolvidos pelas estagiárias, bem como para o estabelecimento de confiança e aceitação no grupo de agentes escolares, o que possibilitou a legitimação da atuação em contexto escolar.

A postura ética do estagiário é de extrema relevância e importância para o bom andamento do trabalho com a equipe escolar.